© 2013 ARQUEOLOGÍA IBEROAMERICANA 18: 15–24. ISSN 1989–4104. http://www.laiesken.net/arqueologia/.

ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

SALACIA IMPERATORIA URBS[1]

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra, Portugal

RESUMO. *Síntese acerca do que se tem investigado sobre Alcácer do Sal na época romana. Explicita-se a razão do nome; refere-se o interesse que, em todos os tempos, despertou nos historiadores; releva-se o papel fundamental que deteve do ponto de vista estratégico e económico (os* Cornelli Bocchi, *a emissão de moeda…). Analisa-se, nesse contexto, o pedestal dedicado por uma flamínia a I. O. M. (IRCP 183); a consagração de* Vicanus, Bouti filius, *ao imperador Augusto (IRCP 184), a presença da onomástica grega e a importância invulgar da* tabella defixionis, *em que se invocam Hércules e Átis.*

PALAVRAS-CHAVE*:* Salacia,Cornelii Bocchi, *culto imperial,* tabella defixionis.

TITLE*:* Salacia Imperatoria Urbs.

ABSTRACT. *Synthesis of the investigation about* Salacia*: the cause of its Roman designation, the interest of the researchers throughout time, the important strategic and economic position of the town (the family of the* Cornelli Bocchi, *emission of money…). Additionally, this synthesis includes the reanalysis of uncommon epigraphic texts: the dedication of a* flaminica *to I. O. M. (IRCP 183), the consecration of* Vicanus Bouti filius *to the Emperor August (IRCP 184), the significant presence of the Greek names and of a* tabella defixionis *where the power of Hercules and Atis are invoked.*

KEYWORDS*:* Salacia, Cornelii Bocchi, *imperial cult*, tabella defixionis.

Que me seja permitido, antes de mais, congratular-me vivamente com este «tributo a João Faria». Justíssimo. Não só pelo que o João foi como pessoa – e tive o gratíssimo prazer de o contar entre os meus alunos – mas também (e aqui sublinha-se sobretudo) pelo que incessantemente, sem desfalecer, logrou concretizar pela sua terra natal: sempre havia algo a fazer, numa vontade incessante de dar continuidade – e falo no que à Arqueologia diz respeito – aos trabalhos em boa hora encetados há muito, com tão excelentes resultados e novidades de monta e que tardavam em publicar-se…

Outros muito melhor do que eu falaram já de Alcácer pré-romana. Dos vestígios arqueológicos temos especialistas que se debruçaram sobre os resultados das escavações, as antigas e, inclusive, as levadas a cabo por Cavaleiro Paixão e continuadas pelo nosso homenageado. Por conseguinte, agora que vamos entrar na *Salacia* romana, creio, porém, que me não encontro em condições de fazer uma síntese dos conhecimentos já adquiridos. Primeiro, porque muito me escapa do que tem sido investigado e escrito; depois, porque justamente para se fazer esse balanço se pensou este *1.º Encontro de Arqueologia e História*. E «1.º» porque se antoja, desde já, que terá de haver um 2.º e outros mais, que Alcácer do Sal bem no merece e a labuta levada a cabo e iniciada por Mestre João Carlos Lázaro Faria dessas iniciativas é sobejamente credora.

SALACIA IMPERATORIA URBS

Seríamos tentados a reflectir sobre a razão de tão pomposa nomenclatura. Também aqui, outros melhor que eu o farão, relacionando, como convém, a fundação da cidade e a sua posterior elevação a município com as peripécias e as contingências políti-

[1] Texto da conferência proferida, a 24-5-2009, em Alcácer do Sal, no âmbito do *1.º Encontro de Arqueologia e História*, de homenagem ao Dr. João Carlos Lázaro Faria, arqueólogo e vereador da Câmara Municipal daquela cidade, falecido a 17 de Junho de 2006, com apenas 46 anos de idade.

Recebido: 15-2-2013. Aceito: 20-2-2013. Publicado: 30-6-2013.

cas de finais da República, as guerras entre César e Pompeu, por exemplo.[2]

Na verdade, se algo há a sublinhar como fundamental na história desta cidade é o facto de ela ter sido sempre importante. Importante em todos os tempos da História, importante para todos os tempos da História. Há lugares que só a partir de determinado momento passam a constar no rol das preocupações dos pensadores, seguindo, amiúde, as modas. Alcácer do Sal, não: sempre terá suscitado o interesse dos escritores: pela sua localização, sem dúvida; pelos vestígios da Antiguidade que apresentava, também; mas, de modo especial, pelo constante papel primordial que desempenhou. Não houve, ao longo dos séculos – e designadamente após o incremento das investigações locais instigadas pelas Academias desde o longínquo século XVIII – amante de antiguidades que viesse de viagem a Portugal e não incluísse Alcácer no seu roteiro.[3]

Estou a recordar-me que apresentámos recentemente excertos da vinda a Portugal de Cornide (José Andrés Cornide de Folgueira, 1734-1803), publicados no número especial deste ano da revista *Ibn Maruan*, de Marvão. E lá estava Alcácer: depois de ter dormido em Monte Novo, «em casa do feitor do meu amigo Bertrand, o livreiro de Lisboa», escreve ele, foi comer no dia seguinte (26 de Julho de 1800) em Alcácer, «em cuja matriz, que está no castelo, copiei a inscrição de L. Porcio Himero, da tribo Galéria, referida por Resende» (são palavras suas).[4]

Não deixa Cornide de visitar S. João das Arranas, para cuja fase altomedieval já D. Fernando de Almeida, Judite e Cavaleiro Paixão em tempos nos chamaram a atenção.[5] E não será despiciendo transcrever o que ele escreve:

> Ni en la capilla de San Justo y Pastor ni en Beja se conserva la inscripción que trae el mismo Resende pág. 290 dedicada a los mismos santos, que dice así [texto de Resende de *IHC* 1]. En el mismo templo había otro cipo de letra elegantísima que decía [texto de *CIL* II 37 tomado de Resende]. Añade, finalmente Resende que había otros tres cipos metidos en la pared y cuyas letras no son legibles por estar vueltos hacia dentro. Otra inscripción dice que había menos elegante y en un cipo más pequeño; pero yo tengo mis dudas sobre su legitimidad [texto de *CIL* II 5* tomado de Resende]. Inscripción leída por Resende en un templo antiguo dedicado a Júpiter a 2 millas del lugar de Terraom [Torrão] en el Alentejo pág. 290 [texto de *CIL* II 32]. Dice Resende que de un lado tenía esculpido un árbol que le era desconocido y del otro un águila con las alas extendidas en acción de volar, y en las garras un rayo de tres puntas (el rayo de Júpiter). Este cipo se conserva en el Museo de Beja, a donde le copié y reconocí que el árbol es una encina, árbol dedicado a Júpiter.

Voltaremos daqui a pouco a S. João das Arranas, num outro contexto, mas sirva-nos este exemplo para demonstrar quanto Alcácer do Sal e o seu termo despertaram sempre o interesse dos estudiosos de antiguidades.

Decerto as investigações recentes já explicitaram todo o contexto em que o sítio entra como fundamental do ponto de vista estratégico e económico imediatamente antes da proclamação do Império. Aliás, este poderá ser um dos raros locais da Península em que às fontes arqueológicas, epigráficas e numismáticas se poderão aliar trechos significativos de relatos historiográficos. E estou em crer que os estudos em torno da família dos *Cornelii Bocchi*, seguramente uma das mais distintas da Lusitânia romana, estudos cada vez mais sedutores pelas implicações que têm nas cidades derredor (*Olisipo*, *Scallabis*…) e pelo que, nestes mesmos dias, a seu respeito se está a desvendar em Mérida, vão trazer dados inovadores e interessantes, a mostrar, de novo, como foi determinante na história de *Salacia* o papel de determinadas famílias, notáveis pela sua cultura e pelo seu poder económico-social e, consequentemente, político.[6]

---

[2] Veja-se, entre muitas outras possíveis, a obra Amela Valverde, L., *Hispania y el segundo triunvirato (44-30 a. C.)*, *Aquila Legionis* (Cuadernos de Estudios sobre el Ejército Romano) 11, 2009. É, aliás, muito extensa a bibliografía deste autor sobre esse período, em que se tem especializado.

[3] Uma pesquisa deveras interessante seria a de ver como é que Alcácer do Sal é encarada em tempos de Renascimento e, mesmo, de Neoclassicismo, quando os académicos começaram a perscrutar «antiguidades»... As lendas andarão, aí, a par com os dados concretos visíveis no terreno – e estou a lembrar-me do templo de S. João das Arranas, que se referirá já a seguir e que foi dos santos mártires Justo e Pastor e cuja sacralidade perdura na memória das gentes até à actualidade.

[4] A transcrição comentada desse diário de jornada de José Cornide acaba de ser publicada: Abascal, J. M. e R. Cebrián, *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*, Madrid, Real Academia de la Historia, 2009 (ISBN 978-84-96849-55-6).

[5] Cf. Almeida, D. F. de, J. Paixão e A. Cavaleiro, Monumentos arqueológicos e visigóticos de Arranas (S. João dos Azinhais, Torrão, Alcácer do Sal), *Setúbal Arqueológica* 4, 1978, 215-226.

[6] No *XI Coloquio Internacional de Arte Romano Provincial* «Roma y las Provincias: modelo y difusión», organizado pelo Museo Nacional de Arte Romano e pelo Instituto Catalán de Arqueología Clásica (ICAC) e realizado em Mérida, de 18

Figura 1. Epígrafe da Quinta de Sempre-Noiva, perto de Arraiolos (F. Bandeira Ferreira).

Duvido que não se discuta ainda longamente que nome a cidade poderá ter tido antes de ser *Salacia*.[7] Aliás, as moedas aqui cunhadas, ostentando o topónimo grafado em caracteres da chamada «escrita do Sudoeste», serão chamadas a depor, na controvérsia que se adivinha larga, em termos de sabermos como se lê, como se pronuncia, se cada signo detém uma conotação figurativa, alfabética ou outra.

O certo é que temos moedas. E a própria identificação do sítio não padece dúvidas quando, claramente, esta moeda (Fig. 3), achada na *villa* de Freiria, em Cascais – idêntica a muitas outras encontradas por aqui e por ali – nos esclarece acerca do que já então

---

a 21 de Maio de 2009, foi apresentada a proposta de reconstituição de uma inscrição encontrada no foro provincial da cidade, que documentaria a construção do templo ao culto imperial «entre os anos 26 e 30 d. C.» e foi «encomendada a *L. Cornelius Bocchus*, *praefectus fabrum* do governador da Lusitânia *L. Fulcinius Trio*» e «*flamen* provincial da Lusitânia no ano 30/31 d. C.»: vide <http://oliba.uoc.edu/icac/merida/XI_CIARP_preactas.pdf>. Aproveito o ensejo para publicar de novo as duas fotografias, feitas por F. Bandeira Ferreira, da epígrafe que identificou num muro de propriedade da Quinta de Sempre-Noiva, perto de Arraiolos (Figuras 1 e 2). Devemo-las à gentileza de sua filha, Dra. Isabel Bandeira Ferreira, que acaba de encontrar os negativos entre o espólio de seu pai. Recorde-se que, quando visitei o sítio, só havia o espaço em que a pedra se encontrara – levou descaminho e é bem possível que, um dia, venha a reencontrar-se na posse dalgum coleccionador. E decerto também se logrará saber como é que um monumento, teoricamente pensado para o fórum da *colonia Scallabitana*, foi parar... à Sempre-Noiva!

[7] Cf., de António Marques de Faria: A numária de **Cantnipo*, *Conimbriga* 28, 1989, 71-99; Ainda sobre o nome préromano de Alcácer do Sal, *Vipasca* 1, 1992, 39-45.

Figura 2. Epígrafe da Quinta de Sempre-Noiva, perto de Arraiolos (F. Bandeira Ferreira).

se considerava significativo transmitir como imagem. Nem sempre pensamos, ao mexermos num euro português, que o selo de 1144 nele gravado detém um significado muito especial e planeado: queremos com isso mostrar que, antes de os demais países da União Europeia serem nações, já nós o éramos, em tempos de Afonso I, e cunhávamos moeda!

Cunhou moeda *Salacia* antes de os Romanos chegarem e continuou a cunhá-la logo nos primórdios da sua chegada.[8] E o que vemos? Dum lado, o Neptuno, deus Oceano, e seu tridente – a força do comércio marítimo, a pujança das explorações piscícolas e dos seus derivados… a necessidade de uma protecção constante, no rio e no vasto pélago por onde cedo se aventuraram os seus habitantes. E, no anverso, dois golfinhos, a saudar, em cima e em baixo, o nome da cidade em abreviatura IMP·SAL, *Imperatoria Salacia*.

Nunca será de mais salientar que é das poucas cidades peninsulares onde cedo temos referência a magistrados famosos, endinheirados, que exercem as mesmas funções mais do que uma vez na vida – o duunvirado, a edilidade… – e onde o pedestal (ousarei classificá-lo como tal, desdizendo a classificação de «ara» que lhe dei há duas décadas) atrás referido, patente no Museu Regional de Évora, mandado lavrar por Flávia Rufina, pode ser considerado um símbolo da maior relevância.

Primeiro, porque Rufina é natural de *Emerita*; na capital da Lusitânia foi flamínia provincial e, certamente na sequência do bom desempenho do cargo, nomeiam-na, por distinção, flamínia perpétua quer da colónia emeritense quer do salaciense município. O monumento em si, como aliás se depreendeu da descrição atrás feita, é deveras significativo da mensagem que pretende transmitir: dedicada a Júpiter Óptimo Máximo, o deus maior do Império, ostenta a águia de asas bem abertas como que a dominar o mundo,[9] e uma árvore a simbolizar fecundidade, que para isso se mostram bem os filetes e as anteras, órgãos reprodutores… Desconhece-se o contexto ori-

[8] Cf. António Marques de Faria: Emissões monetárias. *Imperatoria Salacia* e *Caesaraugusta*. Algumas questões historiográficas, *Vipasca* 5, 1996, 117-119. A questão foi também abordada em Amela Valverde, L., *Las clientelas de Cneo Pompeyo Magno en Hispania*, Barcelona, 2003, p. 261.

[9] Vide Encarnação, J. d' e L. Trindade, A águia numa epígrafe romana do Museu Regional de Évora, *A Cidade de Évora* (Boletim de Cultura da Câmara Municipal), II série, 1, 1994-95, 171-177.

Figura 3. Moeda achada na *villa* de Freiria, em Cascais.

ginal em que o monumento terá sido colocado. Claro que se apontaria para um templo ao culto imperial, ou melhor, a Júpiter Óptimo Máximo – se seguirmos uma ideia que começa a ganhar adeptos de que os templos principais dos *fora* a Júpiter ou à tríade capitolina seriam dedicados e não expressamente ao imperador. No fórum do município ou no santuário de S. João das Arranas, onde foi identificada, local de forte raiz religiosa tradicional? Não o saberemos dizer e, no actual estádio dos nossos conhecimentos, torna-se opção deveras difícil de tomar.

Este é, pois, do ponto de vista das fontes epigráficas como veículos transmissores de uma cultura, de uma ideologia e, simultaneamente, como retrato do escol dirigente e influente numa sociedade, um monumento fulcral.

Com ele, como outras vezes se tem feito – e temos forçosamente de o fazer – há-de relacionar-se o lintel epigrafado que perpetua a consagração feita por um indígena – *Vicanus*, filho de *Boutius* – ao imperador Augusto, nos anos 5 ou 4 a. C. (Fig. 4).[10]

Pese muito embora tanto se ter dito já acerca do monumento, referir-se-lhe é de obrigação. Primeiro, pela sua tipologia: é lintel a figurar, toscamente (é certo), no frontispício do templo ao Imperador – e aqui não temos dúvidas. Depois, porque quem pensou o texto sabia o que estava a fazer e que espírito subjazia a uma aparente enumeração de títulos dentro das normas consuetudinárias. Aliança tácita e cúmplice entre encomendante e executante – por isso, todas as palavras de vasta conotação religiosa vêm aqui por extenso e não por mera intenção paleográfica, pois que havia já abreviaturas do costume, que se não usaram aqui voluntariamente, optando-se pela escrita *in extenso*, para que não restassem dúvidas: o imperador é *Augustus*, é *pontifex maximus*; detém a *potestas*, assim um misto de poder político e religioso, a potestade!... E o dedicante – a exemplo do que acontece em mais dois ou três casos do mundo romano[11] – em vez de uma vulgar fórmula final – o

[10] Cf. José d'Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP). Coimbra (Instituto de Arqueologia), 1984, inscrição n.º 184.

[11] Não se pode deixar de pôr em paralelo o texto singular desta epígrafe com a conhecida dedicatória de Gneu Calpúrnio Pisão, datada de 9/10 d. C., patente no Museu de Oviedo, onde também o vocábulo *sacrum* surge em idêntico contexto de culto imperial. Para além do que Alain Tranoy escreveu sobre o significado desse monumento (*La Galice Romaine*, Paris, 1981, p. 329), importará recordar o seu contexto, bem escalpelizado por Carmen Fernández Ochoa, Ángel Morillo Cerdán y Ángel Villa Valdés, La Torre de Augusto en la Campa Torres (Gijón, Asturias). Las antiguas excavaciones y el epígrafe de Calpurnio Pisón, *Archivo Español de Arqueología* 78, 2005, 129-146 [donde retirei, com a devida vénia, a respectiva foto – Fig. 5]. De uma data bem posterior (14 d. C.), quando o culto imperial já estaria mais implantado, é o pedestal CIL V 852, proveniente, segundo Cláudio Zaccaria,

Figura 4. Lintel epigrafado que perpetua a consagração feita por um indígena ao imperador Augusto.

banal F(*aciendum*) C(*uravit*) ou o mais requintado, porque mais empenhativo, F(*aciendum*) C(*uravit*) ID(*em*)Q(*ue*) P(*robavit*), «mandou executar e fez os respectivos acompanhamentos de obra» (como hoje se diria), para garantir que tudo estava dentro do projecto… – preferiu tão-somente SACRVM, «consagrado», por extenso. Não era, decerto, sacerdote; identifica-se – e não tem pejo nisso – à maneira indígena (um só nome seguido do patronímico). Não creio que deva subentender-se algo como *sacrum fecit*, em jeito de «tornar sagrado», devido à dedicatória imperial. Não: é mesmo «consagrado» só – deixando-nos na dúvida se é ele que se consagra juntamente com o templo que o simboliza ou se tiveram ele e o lapicida dificuldades na escolha do termo mais adequado e optaram por um que já era habitual tanto nas epígrafes votivas como nas funerárias consagrações aos deuses Manes…

Nada mais sabemos de *Vicanus*, para além de – pelo seu modo de identificação e pelas características etimológicas do seu nome e do do pai – o podermos, sem medo, integrar no rol dos lusitanos influentes a nível local. A mostrar, mais uma vez – como estamos, com as novas descobertas epigráficas nos arredores da cidade de Évora, a verificar que ali também tal se passou, sem margem para dúvida –, que a simbiose entre os indígenas e os colonos recém-chegados depressa se processou, sem deixar marcas de qualquer receio ou complexo de inferioridade ou ao invés.[12]

E já que falamos em recém-chegados, permita-se-me uma breve incursão pela onomástica patente nas epígrafes salacienses para sublinhar um dos aspectos que mesmo para os mais desprevenidos salta à vista: a presença de antroponímia grega.

Sabe-se já – pelo menos é opinião que não tem trazido engulhos nem aos mais puristas (quanto eu tenha conhecimento!)… – que possuir onomástica grega não é forçosamente indício de uma origem da parte oriental do Império. Nem valerá a pena esgri-

de S. Canziano del Carso/Skocjan, em território de Trieste (e não de Aquileia, como se tem escrito); mas, aqui, vem a identificação do imperador e, no final, *sacrum*, sem que se identifique o dedicante; estamos, pois, em contexto completamente diverso. No entanto, há um outro paralelo em que, apesar de tudo, essa ambiguidade se poderá assumir: *Quintus Granius Heliodorus*, liberto de Públio, erige um pedestal à deusa Vénus e o texto tem apenas três linhas: na primeira, a identificação do dedicante; na segunda, VENERI; na terceira, SACRVM.

[12] Cf. Encarnação, J. d', A epígrafe latina como elemento didáctico (XXV) [o quotidiano falado], *Boletim de Estudos Clássicos* 51, Junho 2009, 63-67; e Bilou, F. e J. d'Encarnação, Lápide funerária da Herdade da Torre do Lobo, Torre de Coelheiros, Évora (*Conventus Pacensis*), *Ficheiro Epigráfico* 88, 2009, inscrição n.º 402.
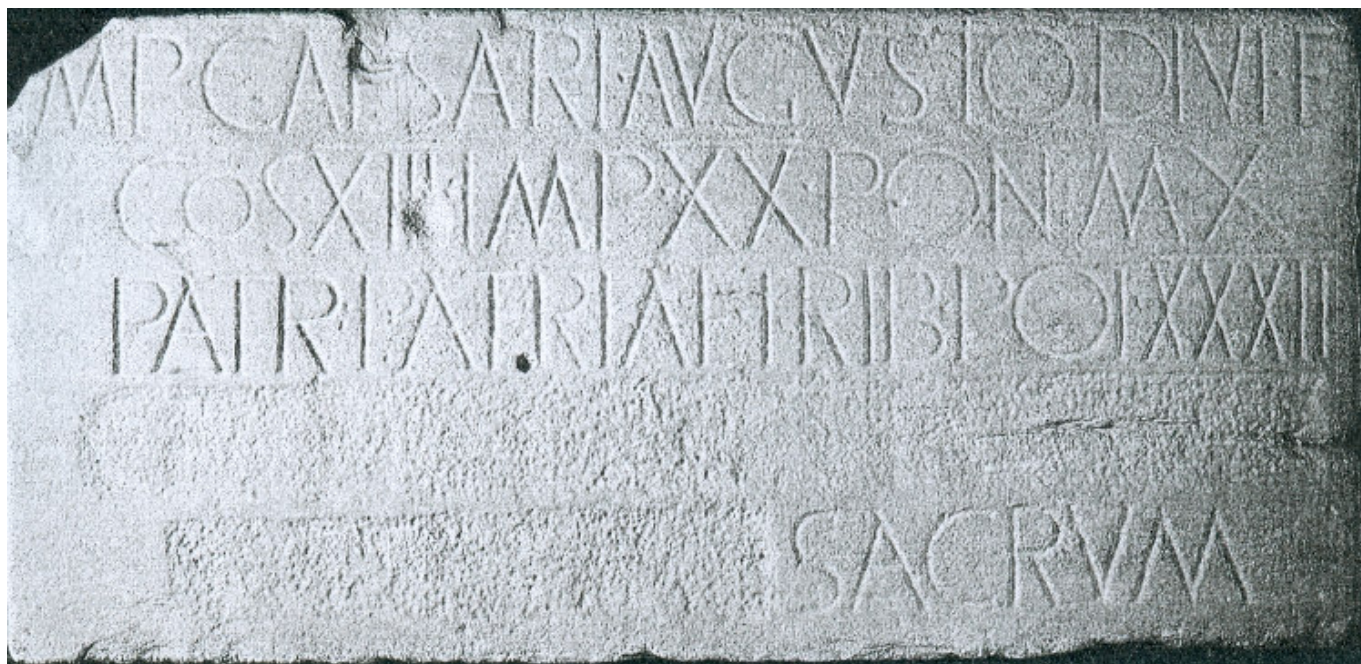
Figura 5. Epígrafe da Campa Torres, Gijón, Asturias (Morillo y Villa 2005).

mir argumentos em defesa do que já Robert Étienne sugeriu como válida hipótese de trabalho.[13] O nome é dado de acordo com a cultura dos pais, os seus gostos e – porque não?, tal como acontece na actualidade – como reflexo das modas daquele momento.

Nesse aspecto, à primeira vista portanto, *Salacia* não diferiria do que se observa em *Pax Iulia* ou na Quinta de Marim. Certo é, porém, que em *Salacia* existem nomes singulares. Referia-se atrás, a propósito da viagem de Cornide, o elegante cipo em honra de Lúcio Pórcio Hímero, que, tendo sido duúnviro, prefeito pró-duúnviro e flâmine por duas vezes, ao saber que a população (*plebs*) se cotizara para lhe mandar erigir o monumento, quis ele próprio pagar essa despesa, elevando-se, assim, ainda mais aos olhos do povo que o lisonjeava. Pois o seu *cognomen Himerus* terá que ver – já o aventei (IRCP 187) – com «ímeros», palavra grega que significa «desejo apaixonado». E, claramente, este é, até ao momento, o único *Himerus* garantidamente documentado na epigrafia peninsular.[14]

Nesse domínio – deixando de lado *Corinthia*, o cognome de uma jovem *Iunia*, falecida aos 16 anos e lembrada pela mãe (IRCP 193) – atentemos em *Zographus*, o cognome de *Marcus Sulpicius*, que, afinal, sendo sua mulher *Iunia Satulla*, mui provável mãe da jovem *Corinthia*, com ela pode estar aparentado. Faleceu aos 70 e ela aos 60 anos, mas houve da sua parte o cuidado de, certamente ainda em vida, ter mandado reservar lugar de sepultura e gravar placa para sobre ela colocar.[15] *Zographus* – ainda para mais grafado com Z – é nome, até agora, único na epigrafia peninsular e, a darmos crédito aos índices de Solin,[16] nem sequer na capital do Império se regista! E deriva directamente de um vocábulo grego que significa… «pintor»!

Naturalmente que parte dessa população de onomástica grega se deve situar no mundo dos escravos e libertos. Mas o que não deixa de ser notável é o facto de também não hesitarem em identificar-se como tais. Isso sucede com a inscrição que o já referido Cornide viu «en la esquina de las casas de la Rua de Sieites», em Alcácer, e copiou. Trata-se da dedicatória a *Isis Domina* mandada fazer por *Marcus Octavius Theophilus*, seguramente em seu nome

---

[13] Robert Étienne, Remarques sur l'onomastique romaine d'Espagne, in *L'Onomastique Latine* (Actes du Colloque International sur l'Onomastique Latine organisé à Paris du 13 au 15 Octobre 1975), Paris, CNRS, 1977, 291-292. «A imposição dum nome grego resulta dum fenómeno psicológico: urge mostrar-se à altura duma cultura», escreve (p. 292). Cf. também Juan Gil, Griegos en España, *Habis* 21, 1990, 165-171.

[14] No texto de Astorga (CIL II 2655 = ILER 4899), o nome aparece em abreviatura: Him, que se tem desdobrado, na verdade, em *Himeri*.

[15] Aproveito o ensejo para corrigir a translineação do texto que indiquei em 1984 (IRCP 198): *Zographus* ocupa, isolado, a linha 2 e, também, no final, a linha 6.

[16] Heikki Solin, *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982 (3 vo1.).

e no de sua *patrona*, pois que a identifica por extenso: *Octavia Marcella Moderatilla* (IRCP 182). *Theophilus* enquadra-se no tipo de nomes designados de teofóricos, dada a sua etimologia de ampla conotação religiosa; e o facto de prestar culto a uma divindade egípcia, para mais qualificando-a de «senhora», faz-nos embrenhar num mundo de convergências culturais, em que a já referida posição estratégica de *Salacia*, nas margens do Sado, perto da foz mas suficientemente afastada dela, num recato, desempenhou papel fundamental.

Comecei por me referir à saudosa memória de João Carlos Lázaro Faria. Ousarei, pois, terminar com a extraordinária epígrafe, cujo estudo preparámos juntos para o catálogo da exposição sobre as religiões da Lusitânia no Museu Nacional de Arqueologia.[17]

Teceu Amílcar Guerra considerações sobre a proposta de leitura e de interpretação que apresentáramos e, com argumentos que reputo válidos, propôs a seguinte interpretação:

> *Domine Megare / Inuicte! Tu, qui Attidis / corpus accepisti, accipias cor/pus eius qui meas sarcinas / supstulit, qui me compilauit / de domo Hispani. Illius corpus / tibi et anima(m) do dono ut meas / res inuenuia(m). Tunc tibi ostia // quadripede(m), Do(mi)ne Attis, uoueo, / si eu(m) fure(m) inuenero. Dom(i)ne / Attis, te rogo per tu(u)m Nocturnum / ut me quam primu(m) compote(m) facias.*

> «Ó Senhora Mégara Invicta! Tu, que recebeste o corpo de Átis, digna-te receber o corpo daquele que levou as minhas bagagens, que mas roubou da casa de Hispano. Ofereço-te como dádiva o corpo e alma daquele para que eu encontre as minhas coisas. Se vier a encontrar esse ladrão, então prometo-te, ó Senhor Átis, um quadrúpede como vítima. Ó Senhor Átis, rogo-te, pelo teu Nocturno, que faças com que eu as obtenha quanto antes.»

Trata-se, como é evidente, de um texto que, pela sua natureza, como maldição, como oculta súplica à divindade para que use dos seus poderes contra quem fez mal, é passível de mais do que uma interpretação, a nível de pormenores. Aliás, o próprio Amílcar Guerra, após reflexão de outro teor, propõe, no final da sua nota (p. 338), uma versão alternativa:

> «Tu, que recebeste o corpo de Átis, digna-te receber o corpo daquele que levou as minhas bagagens, que de casa mas roubou. Ofereço-te como dádiva o corpo e alma daquele hispano para que eu encontre as minhas coisas.»

Francisco Marco aduz enriquecedoras comparações com documentos idênticos e conclui que se invocam no texto duas divindades: a *Domina Megara Invicta*, a quem se roga «a aniquilação do ladrão dos objectos roubados», o que, em seu entender, por implicar «uma autêntica *devotio* ou *consecratio* da pessoa autora do furto», o leva a supor que essa divindade, aqui identificada pelos seus epítetos, poderia identificar-se com «o deus dos infernos»; a outra divindade é o próprio Átis, «a quem se promete uma vítima sacrificial quadrúpede, se, mediante o seu demónio *Nocturnus*, ajudar o devoto a encontrar os objectos roubados» (p. 90-91). Finalmente, considera que o documento de Alcácer mostra, mais uma vez, que «não é adequado, do ponto de vista metodológico, contrapor o 'mágico' ao 'religioso'», pois aqui se documentam «as inegáveis relações existentes entre a magia e as religiões greco-orientais», nomeadamente tendo em conta que nos encontramos num centro portuário atlântico em que – como atrás também se deu a entender e como Vasco Mantas amiúde vem sublinhando[18] – é bem significativa, ao tempo dos Romanos, a presença «de contingentes humanos relacionados com as zonas de Ásia» (p. 91), onde esses cultos magnificamente prosperaram em simbiose.[19]

---

[17] José d'Encarnação e João Carlos Lázaro Faria, O santuário romano e a defixio de Alcácer do Sal, in Ribeiro, J. C. [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, 259-263. Texto que o João incluiria depois no seu livro *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*, Lisboa, Maio de 2002, 103-119. Sobre este documento, vejam-se também: Guerra, A., Anotações ao texto da *tabella defixionis* de Alcácer do Sal, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6/2, 2003, 335-339; Marco Simón, F., Magia y cultos orientales: acerca de una *defixio* de Alcácer do Sal (Setúbal) con mención de Atis, *MHNH (Revista Internacional de Investigación sobre Magia y Astrología Antiguas)* 4, 2004, 79-94, Málaga.

[18] Ver, por exemplo, Mantas, V. G., Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado, in *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*, Lisboa, 1996, 343-369.

[19] Tive conhecimento, já bastante depois de concluídas estas linhas, das considerações de Aires A. Nascimento (Legere, perlegere: da singularidade epigráfica ao sentido do texto e do monumento, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis* 8, 2010, 17-21), no intuito de esclarecer algumas das dúvidas. Em relação às interpretações anteriores, a sua «leitura interpretativa» apenas difere, porém, na l. 1 da face B, onde prefere *done(m)* a *Dom(i)ne*. A tradução resulta, pois, ligeiramente diversa, até porque interpreta *Domine* como o vocativo de *Dominus* e opta,

Em suma:

Poderemos afirmar que, pelo seu significado, o achado da *tabella defixionis* coroou, sem dúvida, a incessante actividade do nosso homenageado e relançou nova e intensa luz sobre o elevado grau cultural das gentes que, há mais de dois mil anos atrás, nestas margens do Sado estanciaram, saborearam o remanso da cidade fluvial, numa acção de graças às divindades e sob a protecção do senhor que, em Roma, não desconheceria, por certo, que *Salacia* ficava no coração marítimo da Lusitânia, pois que ao Tibre chegariam, sem dúvida, bem identificadas, as ânforas do Sado, com vinho, azeite e mui apetitoso *garum*…[20]

Sobre o autor

José d'Encarnação (jde@fl.uc.pt) é Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal), na área de História Antiga e Arqueologia, especializou-se em Epigrafia Latina, domínio em que a sua obra é reconhecida internacionalmente, sobretudo no que concerne às divindades pré-romanas.

Página pessoal: <http://www.ua.es/personal/juan.abascal/encarnacao_jose_de.html>.

BIBLIOGRAFIA

Abascal, J. M. e R. Cebrián. 2009. *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la Historia.

Almeida, D. F. de, J. Paixão e A. Cavaleiro. 1978. Monumentos arqueológicos e visigóticos de Arranas (S. João dos Azinhais, Torrão, Alcácer do Sal). *Setúbal Arqueológica* 4: 215-226.

Amela Valverde, L.

— 2003. *Las clientelas de Cneo Pompeyo Magno en Hispania*. Barcelona.

— 2009. *Hispania y el segundo triunvirato (44-30 A. C.). Aquila Legionis*: Cuadernos de Estudios sobre el Ejército Romano 11.

Bilou, F. e J. d'Encarnação. 2009. Lápide funerária da Herdade da Torre do Lobo, Torre de Coelheiros, Évora (*Conventus Pacensis*). *Ficheiro Epigráfico* 88, inscrição n.º 402.

Encarnação, J. d'.

— 1984. *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (IRCP)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

— 2009. A epígrafe latina como elemento didáctico (XXV) [O quotidiano falado]. *Boletim de Estudos Clássicos* 51 (Junho): 63-67.

Encarnação, J. d' e J. C. L. Faria. 2002. O santuário romano e a *defixio* de Alcácer do Sal. In J. C. Ribeiro [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, pp. 259-263. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Encarnação, J. d' e L. Trindade. 1994-95. A águia numa epígrafe romana do Museu Regional de Évora. *A Cidade de Évora (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)*, II série, 1: 171-177.

Étienne, R. 1977. Remarques sur l'onomastique romaine d'Espagne. In *L'Onomastique Latine (Actes du Colloque International sur l'Onomastique Latine organisé à Paris du 13 au 15 Octobre 1975)*, pp. 291-292. Paris: CNRS.

Faria, A. Marques de.

— 1989. A numária de **Cantnipo*. *Conimbriga* 28: 71-99.

— 1992. Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal, *Vipasca* 1: 39-45.

— 1996. Emissões monetárias. *Imperatoria Salacia* e *Caesaraugusta*. Algumas questões historiográficas. *Vipasca* 5: 117-119.

Faria, J. C. L. 2002. *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*. Lisboa.

Fernández Ochoa, C., Á. Morillo Cerdán y Á. Villa Valdés. 2005. La Torre de Augusto en la Campa Torres (Gijón, Asturias). Las antiguas excavaciones y el epígrafe de Calpurnio Pisón. *Archivo Español de Arqueología* 78: 129-146.

Gil, J. 1990. Griegos en España. *Habis* 21: 165-171.

Guerra, A. 2003. Anotações ao texto da *tabella defixionis* de Alcácer do Sal. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6/2: 335-339.

Mantas, V. G. 1996. Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado, in *Ocupação Ro-*

amiúde, por palavras e expressões sinónimas das propostas até agora. A sua omissão da palavra *Attis* (bem visível na l. 3 dessa face B) deve tomar-se, contudo, na conta de distracção. E a sua tradução é a seguinte: «Ó senhor de Mégara, invicto! Tu, que agarraste o corpo de Átis, agarra o corpo daquele que subtraiu as minhas bagagens, que me espoliou, da casa de Hispano. Faço-te entrega do corpo e da alma dele para que eu recupere as minhas coisas. Comprometo-me a oferecer-te então uma vítima de quatro patas, ó Átis, se eu der com esse ladrão. Rogo-te, senhor, pelo teu Nocturno, que, o mais rápido possível, me faças cumprir o meu voto».

[20] A preparação deste texto insere-se no quadro da investigação levada a efeito como membro do grupo «Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages» do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade de Investigação 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

mana dos Estuários do Tejo e do Sado, pp. 343-369. Lisboa.

MARCO SIMÓN, F. 2004. Magia y cultos orientales: acerca de una *defixio* de Alcácer do Sal (Setúbal) con mención de Atis. *MHNH (Revista Internacional de Investigación sobre Magia y Astrología Antiguas)* 4: 79-94. Málaga.

NASCIMENTO, A. A. 2010. Legere, perlegere: da singularidade epigráfica ao sentido do texto e do monumento. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis* 8: 17-21.

SOLIN, H. 1982. *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch 1*. Berlin-Nova Iorque.

TRANOY, A. 1981. *La Galice Romaine.* Paris.